

A América Latina, a China e o G20

A recente reunião do G20 corroborou o que está sendo antecipado desde o começo da década: o auge e o crescente protagonismo dos países emergentes. Este auge é, sobretudo, da Ásia, com a China em primeiro lugar, mas também de outras regiões do mundo, incluindo a América Latina. De fato, nada menos que três países da região estiveram presentes na mesa do G20: México, Brasil e Argentina.

Três grandes observações podem ser feitas desse evento.

A primeira é, sem dúvida, o reconhecimento do G20 como espaço legítimo para lidar com a crise global. O fato de ter três países latinoamericanos neste fórum o torna também uma ocasião única para impulsionar a coordenação intrarregional e buscar mais peso nas decisões internacionais.

A segunda observação é derivada do crescente protagonismo da China, que está se impondo como um dos principais atores do G20. Antes, pouco se discutia se a China poderia ou deveria juntar-se à Rússia na cúpula do G8. Como assinalou o ensaísta Timothy Garton Ash, há pouco tempo a política chinesa parecia ser modesta, como se o dragão fosse um lagarto. Mas, recentemente, o gigante despertou. Prova disso são as muitas viagens internacionais do presidente e do vice-presidente da China pela África, Ásia e pela América Latina. Na mais recente, em fevereiro de 2009, o vice-presidente Xi Jinping, possível herdeiro de Hu Jintao, atreveu-se a dar lições aos países ricos (aos EUA, particularmente), perante um público chinês na capital do México.

Há vários meses, líderes chineses vêm multiplicando as ações e propostas para mudar o sistema internacional. Em um recente artigo, o governador do Banco Central chinês sugeriu a criação de uma divisa de reserva internacional acima do dólar e das demais moedas. No mesmo âmbito monetário, tal qual o Fed, o Banco Central chinês também concretizou acordos de currency swap, entre eles um com a Argentina. E, como se fosse pouco, a China agora está fechando seu terceiro acordo comercial com um país da América Latina, a Costa Rica, depois de ter assinado outros com o Chile e com o Peru. Na recente Cúpula do Banco Interamericano de Desenvolvimento, celebrada em Medellín no fim de março, a China estreou como novo membro deste organismo.

O fato de a América Latina estar no radar chinês é positivo. É verdade que a China representa um problema comercial para alguns países, mas também representa uma oportunidade. Não apenas porque absorve produtos de toda a América Latina (em 2008 de novo as importações chinesas da América Latina superarão os US\$ 100 bilhões), mas porque desperta a reação dos EUA e da Europa. Desde que a China se interessou pela África, por exemplo, o interesse de Washington, Paris e Londres pelo continente aumentou.

Uma consequência para a região deste auge é que o que ocorre com a China tem relevância central para as economias latinoamericanas. Há uma década, um espirro na China passava despercebido na América Latina. Em 2009 deixou de ser assim. Para alguns países, como o Chile, a Ásia já é a principal região de destino de suas exportações (35% das exportações chilenas vão para lá, mais do que para a América do Norte ou Europa). Para o Peru, a cifra é de 19%, e outros como Brasil ou Argentina também olham, cada vez mais, para além do Pacífico.

Desde 1995, o intercâmbio comercial da América Latina e do Caribe com a China foi multiplicado por doze, passando de US\$ 8,4 bilhões a mais de US\$ 100 bilhões em 2007. Em 2008, a China tornou-se o segundo sócio comercial da região, logo após os EUA. Além disso, os preços das matérias-primas, que representam mais de 60% do total de exportações da América Latina, dependem em parte desta demanda asiática, com a China devorando petróleo, cobre, soja e outros produtos-chave da região.

A última observação derivada do G20 de Londres é o novo protagonismo cobrado pelo FMI. Desde setembro de 2008, o Fundo emprestou mais de 50 bilhões de euros a países emergentes. Há pouco, o México negociou uma linha de 36 bilhões, em uma ação preventiva inédita, buscando blindar-se com um seguro a mais, algo que os mercados financeiros aplaudiram. O aumento dos recursos do Fundo, celebrado em Londres, que levará a capacidade financeira de 186 bilhões a 560 bilhões de euros, é sem dúvida uma boa notícia para os países emergentes.

Todas as crises são injustas. Mas a atual implica um paradoxo e uma injustiça maiores: no mundo dos países emergentes, muitos fizeram seus deveres. As empresas emergentes, bem como às dos países da OCDE, conseguiram focar-se no exterior e converter-se em multinacionais. Os indicadores de pobreza melhoraram em muitos países. Deixar que este processo seja interrompido, ou pior, que retroceda, seria irresponsável. Por isso também deve ser celebrado o que foi decidido no G20. É hora de esperar que se cumpra o que foi acordado. O melhor que a América Latina pode fazer é seguir aumentando sua voz. O G20 oferece uma oportunidade única de fazer entender sua música neste concerto barroco das nações. Como no romance de Alejo Carpentier, presenciamos uma mudança de melodia, a música clássica de décadas anteriores delineando-se com ares mais exóticos. É de se esperar que alguns acordes sejam latinos.

A AMÉRICA Latina, a China e o G20. **America Economia**, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.americaeconomia.com.br>>. Acesso em 3 jun. 2009.